

A SAÚDE DA MULHER NO MUNDO ANTIGO: REFERÊNCIAS PARA INTERPRETAR PLÍNIO, O VELHO¹

WOMEN'S HEALTH IN THE ANCIENT WORLD: REFERENCES FOR INTERPRETING PLINY THE ELDER

Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho*
andrea.dorini@unesp.br

Renata Cerqueira Barbosa**
renata7barbosa@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo a análise histórica temática da saúde da mulher no mundo antigo. Por meio de um levantamento bibliográfico e historiográfico, apresenta-se um panorama sobre o tema nas sociedades antigas do entorno do Mediterrâneo. A partir do recorte sobre a saúde feminina e os conhecimentos demonstrados em documentos escritos e cultura material, direcionou-se a discussão para um recorte específico com uma abordagem temática e documental centrada no Império Romano, mais especificamente no período do Principado, com a análise do Livro 7, em especial, da obra *História Natural*, de Plínio, o Velho. Diante do recorte, a abordagem foi estabelecida no processo de construção do conhecimento apresentado na obra, assim como as concepções a respeito de alguns termos como fecundação, gestação e parto.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde; Mulheres; Plínio, o Velho.

ABSTRACT: This article aims at the thematic historical analysis of women's health in the Ancient World. Through a bibliographical and historiographical research, an overview of the subject in ancient societies around the Mediterranean is presented. From the focus on women's health and the knowledge demonstrated in written documents and material culture, the discussion was directed towards a specific focus with a thematic and documental approach centered on the Roman Empire, more specifically on the period of the Principate, with the analysis of Book 7 of Pliny the Elder's *Natural History*. In view of the clipping, the approach was established in the process of construction of the knowledge presented in the book, as well as the conceptions regarding some terms such as fertilization, pregnancy and childbirth.

KEYWORDS: Health; Women; Pliny the Elder.

O presente artigo pretende trazer uma abordagem sobre saúde e doença no mundo antigo, com um olhar mais específico sobre o mundo romano. No primeiro momento, trataremos reflexões historiográficas sobre o tema e uma contextualização de determinadas abordagens sobre o mundo antigo. Ao final, como proposta de análise específica, serão abordadas algumas cartas de Plínio, o Jovem sobre o tema aborto e gravidez relacionados à saúde feminina.

¹ Pesquisa realizada com apoio do CNPq - Brasil Processo nº 101666/2022-5.

* Professora na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Possui doutorado em História pela mesma instituição.

** Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Sobre as reflexões em relação à história das ciências, da saúde e das doenças, logo nos vem à mente questões relacionadas à história da medicina. O clínico, professor e médico suíço, Theodor Zwinger, traçou o passado da arte da medicina até os antigos gregos. Mesmo que ele não acreditasse nos elementos mitológicos presentes no imaginário grego, ele, protestante como era, acreditava que Deus teria colocado no mundo substâncias curadoras para o benefício das pessoas doentes, esperando que fossem descobertas pelas gerações vindouras (PORTER, 2008).

Independente das ficções históricas de Zwinger, Roy Porter (2008, p.48) acreditava em uma verdade essencial; “a evidência para a cura e medicina é anterior a qualquer texto literário ou evento histórico”. O autor assevera que escavações arqueológicas de sítios com milhares de anos de idade revelaram corpos que mostram sinais de cuidados médicos – membros quebrados que foram imobilizados, luxações restituídas e feridas tratadas com sucesso. Da mesma forma, supomos que diversas plantas e outras substâncias foram igualmente utilizadas para tratar aqueles que se sentiam doentes e que alguns indivíduos ganharam reputação pela destreza manual, conhecimento de ervas medicinais ou pela habilidade de se comunicarem com qualquer força que estivesse causando a doença.

Plínio, o Velho, por exemplo, em sua *História Natural*, nos apresenta várias descrições sobre plantas medicinais e alguns remédios delas derivados. O senador romano descreve em onze livros, dos trinta e sete, temas sobre ervas e substâncias medicinais. Um exemplo é o eríngio campestre (eryngium) ou, em português, Cardo-corredor, indicado para várias doenças:

No que diz respeito às suas propriedades medicinais, além das já mencionadas, esta planta, tomada em hidromel, é boa para flatulência, desconfortos intestinais, doenças do coração, estômago, fígado e órgãos torácicos, e, tomada em oxicroto, para afecções do baço. Misturado com hidromel, é recomendado também para doenças dos rins, estrangúria, opistotonia, espasmos, lumbago, hidropisia, epilepsia, supressão ou excesso de catamenia e todas as doenças do útero. Aplicado com mel, extrai as substâncias estranhas do corpo e, com graxa de eixo salgada e cerato, dispersa feridas escrofulosas, impostores das glândulas parótidas, tumores inflamados, desnudamentos dos ossos e fraturas. Tomado antes de beber, evita que a fumaça do vinho suba à cabeça e impede a frouxidão dos intestinos. Alguns de nossos autores recomendaram que esta planta fosse colhida no período do solstício de verão e que fosse aplicada, em combinação com água da chuva, para todos os tipos de doenças do pescoço. Dizem também que, anexado como amuleto à pessoa, é uma cura para o albugo. (Livro 22, 9)

Plínio, o Velho, ao indicar que a informação que traz sobre a planta em questão é baseada em “alguns de nossos autores” demonstra que o conhecimento dos povos mediterrânicos que teve contato, seja por livros ou mesmo de forma oral ou experimental, é a base para os seus ensinamentos medicinais. Então, a partir da premissa de que há um conhecimento pragmático e experimental no mundo antigo, iremos ressaltar alguns destes referenciais para a abordagem do tema aqui proposto.

Apesar da crença de Zwinger sobre as origens da medicina na Grécia Antiga, a Mesopotâmia e o Egito possuíam textos médicos e tradições que precediam aos gregos.

A pesquisadora Ulrike Steinert (2017), ao examinar a rica variedade de metáforas empregadas em textos cuneiformes como modelos para o sistema reprodutor feminino, concepção, gestação e nascimento, observa que na ginecologia mesopotâmica, a fertilidade feminina e a fisiologia são caracterizadas pelo que chama de "o corpo tecnológico", o qual, deriva suas imagens das interações humanas com o meio ambiente na produção artesanal, agricultura, irrigação e criação de animais, e que talvez também retrate a gravidez e o parto, como um trabalho produtivo numa época em que a condição da mulher pode ter exigido que ela reduzisse suas atividades laborais. Abrangendo a divisão entre natureza e cultura, a ginecologia sugere metáforas conceituais básicas enraizadas na experiência humana universal, como por exemplo, “o corpo é um recipiente”. Estas metáforas se manifestam de maneira diferente quando moldadas por concepções exclusivas de sociedades e culturas específicas. A imagem do útero como um forno de pão na medicina grega, portanto, reflete a proeminência que atribui ao "cozinhar" como uma metáfora para processos fisiológicos transformadores, enquanto a contraparte mesopotâmica do útero como um forno de cerâmica se relaciona com relatos mitológicos de como os humanos são criados a partir de argila (WEE, 2017, p. 9).

Dentro do *corpus* de textos médicos mesopotâmicos existentes em centenas de tabletas de argila, há cerca de 80 tabletas e fragmentos inéditos conhecidos até hoje, que são dedicados exclusivamente aos problemas de saúde das mulheres. O material ginecológico (como o resto do *corpus* médico mesopotâmico) é preservado nos gêneros de textos diagnósticos e terapêuticos, com o último consistindo em receitas médicas (incluindo testes para prognóstico de gravidez) e encantamentos (com instruções rituais anexadas). A maioria dos textos diagnósticos e terapêuticos preservados datam do primeiro milênio A.E.C., com menos textos do segundo e do terceiro milênio A.E.C. Além disso, há

comentários sobre textos diagnósticos e terapêuticos selecionados que se originam exclusivamente do primeiro milênio A.E.C. (STEINERT, 2017, p. 275).

Os textos médicos da Mesopotâmia em escrita cuneiforme são, em sua maioria, escritos em acadiano. No entanto, vários encantamentos também foram compostos em sumério ou em línguas ainda menos conhecidas do Antigo Oriente Próximo (por exemplo, elamita, hurrita). Eles foram encontrados em diferentes cidades do coração da Mesopotâmia, ou seja, na Babilônia (por exemplo, na Babilônia, Sippar, Nippur, Uruk) e na Assíria (Nínive, Assur, Sultantepe), além de um número menor de textos da periferia da Mesopotâmia (por exemplo, de Ugarit na costa do Levante da capital hitita Hattuša) (STEINERT, 2017, 275).

Como ponto de partida, é essencial destacar algumas características fundamentais do sistema médico e da literatura mesopotâmica. A medicina mesopotâmica pode ser descrita como um sistema holístico de cura e saúde que abrange vários aspectos e estratégias relacionadas à saúde, incluindo tratamentos baseados em drogas combinados com fortes componentes religiosos, rituais e éticos e preocupações com dieta e higiene. Era um sistema com uma visão complexa da saúde e da doença, levando em consideração o paciente, seu corpo e situação, e o ambiente social e natural - habitado não apenas por humanos e animais, mas também por agentes divinos e demoníacos.

Se olharmos para os contextos de produção e uso da literatura médica mesopotâmica, deve-se enfatizar que os textos foram circulados e transmitidos dentro de grupos restritos de estudiosos (do sexo masculino) e profissionais de saúde, especialmente entre especialistas em rituais (*mašmaššu / āšipu*) e médicos (*asû*), embora o material ginecológico também possa conservar vestígios de saberes transmitidos por via oral por parteiras que atuaram na atenção à saúde feminina. Textos como rituais, receitas médicas e testes eram frequentemente marcados como conhecimento protegido, por meio das chamadas frases de sigilo que proíbem a divulgação a pessoas não iniciadas. Muitos textos médicos pertenciam a bibliotecas de templos e palácios reais, onde especialistas em rituais e médicos estavam frequentemente empregados, mas também foram desenterrados em residências particulares de acadêmicos e praticantes de cura. Os formatos dos textos e o jargão técnico apontam para seu papel instrumental na prática e treinamento médicos, bem como sua importância mais ampla no aprendizado acadêmico. Como uma característica relacionada aos textos médicos mesopotâmicos, sua autoria ou origem é geralmente

atribuída a divindades ou a sábios lendários a fim de reforçar sua autoridade, embora colofões² de texto e anotações às vezes nos informem sobre o copista humano de uma tabuinha e a fonte que ele usou, ou do trabalho de famosos redatores-acadêmicos ligados à serialização do *corpus* médico (STEINERT, 2017, p. 277-278).

Quando reconstruímos conceitos antigos de anatomia e fisiologia, é importante levar em consideração o fato de que o acesso ao conhecimento anatômico exato do corpo interno era limitado na antiguidade e que o entendimento da fisiologia era vago em comparação com os padrões modernos. Os mesopotâmicos não praticavam a dissecação, nem embalsamavam cadáveres como os egípcios. Nem os textos cuneiformes médicos contêm desenhos anatômicos. As principais fontes de conhecimento para a anatomia e fisiologia do corpo interno incluíram: a) observações de sintomas e processos corporais externamente visíveis, a partir dos quais foram tiradas conclusões sobre processos e estruturas internas, b) observações de lesões (acidentes, lesões em batalhas), c) conhecimento da anatomia dos animais em decorrência da carnificina e prática de extirpação. No contexto do conhecimento sobre o corpo feminino e a reprodução sexual, os curandeiros mesopotâmicos também se basearam em observações de fetos abortados, malformados ou natimortos - humanos e animais - em vários estágios de desenvolvimento, conforme documentado em textos de presságios teratológicos, que faziam parte do *corpus* do especialista em ritual (STEINERT, 2017, p. 278).

Um ponto em contraste com a literatura médica greco-romana está no fato de que os textos médicos mesopotâmicos nunca são escritos na forma de tratados teóricos, embora não sejam desprovidos de teoria. Assim, devido ao seu enfoque no diagnóstico e terapia de processos mórbidos e anormais, os textos ginecológicos carecem de discussões teóricas gerais sobre anatomia e fisiologia específicas do corpo feminino e não comentam explicitamente as diferenças anatômicas entre homens e mulheres, partes do sistema reprodutor feminino e processos restritos às mulheres, como menstruação, menopausa, gravidez, gestação e parto (STEINERT, 2017, p. 279).

No entanto, as fontes existentes sobre saúde feminina da Mesopotâmia no segundo e primeiro milênios A.E.C contêm uma riqueza de informações implícitas e explícitas sobre o

² O colófon ou colofão designa a nota final de um manuscrito ou de um livro impresso, principalmente dos incunábulo. O termo "colophon" deriva do Latim *colophon*, que por sua vez deriva do Grego *κολοφων*.

conhecimento dos curandeiros no que diz respeito à anatomia e fisiologia feminina, que é expressa principalmente por meio de metáforas e analogias com fenômenos na natureza e na vida cotidiana, sendo encontrada especialmente nos encantamentos que acompanhavam os tratamentos médicos.

O Egito cresceu sob o domínio dos faraós no terceiro milênio A.E.C; as grandes pirâmides do Vale dos Reis, datadas de cerca de 2000 A.E.C, mostram um regime poderoso, dotado de ambição estupenda e virtuosismo tecnológico. As primeiras evidências escritas de seus medicamentos aparecem em papiros do segundo milênio A.E.C., mas tais registros codificam tradições muito mais antigas (PORTER, 1999, p. 47).

Com o objetivo de garantir a saúde da mulher e a continuidade da família, os egípcios criaram diversas prescrições médicas, algumas das quais sobreviveram ao tempo e chegaram até nós. A maior fonte para nosso conhecimento sobre os conceitos e práticas da medicina no Egito antigo é um grupo formado por doze papiros médicos³ que estão distribuídos em museus ao redor do mundo (DAVID, 2008; COELHO, 2011).

Entre os textos médicos, os mais importantes, descobertos no século XIX, são os papiros Edwin Smith e Georg Ebers (PORTER, 1999, p. 47).

O papiro de Smith mostra que havia um componente empírico na medicina egípcia antiga ao lado de sua tendência mágico-religiosa. Em um estilo semelhante, o papiro de Londres (c. 1350 A.E.C) descreve o cuidado maternal, e o papiro Kahun (c. 1850 A.E.C) lida com medicina animal e ginecologia, incluindo métodos para detectar gravidez e para contracepção, para os quais pessários⁴ eram recomendados feitos de esterco de crocodilo pulverizado e ervas, agora impossíveis de identificar, misturados com mel. Suas medidas anticoncepcionais, evidentemente destinadas a bloquear a passagem do sêmen, podem ter funcionado, uma vez que os egípcios parecem ter sido capazes de regular o tamanho da família sem recorrer ao infanticídio (PORTER, 1999).

³ Conhecidos atualmente como *Ebers*, *Edwin Smith*, *Hearst*, *Berlim n.º 3038* ou *Papiro Brugsch*, *Londres*, *Kahun*, *Carlsberg n.º VIII*, *Chester Beatty n.º VI*, *Leiden 1343 e 1345*, *Museu de Budapeste n.º 51.1961*, *Ramesseum n.º III*, *n.º IV e n.º V*, e *Berlim n.º 13602*. Há ainda quatro ostracas, conhecidas como *Cairo n.º 1091*, *Londres n.º 297*, *Louvre n.º 3255*, e *Berlim n.º P5570*, que contêm um número menor de prescrições (LECA, 1988, p. 21-37, COELHO, 2011, p. 83).

⁴ Dispositivo que se introduz na vagina para sustentar o útero descido ou para impedir a entrada dos espermatozoides no útero.

O papiro de Ebers (c. 1550 A.E.C), derivado de Tebas, é, no entanto, o principal documento médico - na verdade, o mais antigo livro médico existente. Com mais de vinte metros de comprimento, ele lida com inúmeras doenças e propõe remédios, incluindo feitiços e encantamentos. Esta e outras fontes mostram a proeminência da magia. Amuletos eram recomendados, e os tratamentos normalmente envolviam cantos e súplicas às divindades apropriadas, sendo a mais popular o deus do sol com cabeça de falcão, Rá; Thoth, o deus da sabedoria com cabeça de íbis (mais tarde associado ao grego Hermes ou ao romano Mercúrio); e Ísis e seu filho Hórus, o deus da saúde, cujos olhos formaram o motivo de um encanto popular (PORTER, 1999, p. 48).

Evidências arqueológicas e papiros permitem vislumbres da prática médica egípcia, pelo menos entre a elite. Parte estava hierarquicamente organizada e sob controle estatal; médicos foram nomeados para supervisionar as obras públicas, o exército, os cemitérios e o palácio do faraó. Os médicos da corte formavam o ápice da pirâmide médica. Assim como os deuses governavam diferentes partes do corpo, os médicos (*swnu*) especializavam-se em determinadas doenças ou órgãos do corpo; no século V A.E.C, o grego Heródoto observou que, no Egito, “um médico está confinado ao estudo e tratamento de uma doença (...) alguns cuidam dos distúrbios dos olhos, outros dos da cabeça, alguns cuidam dos dentes, outros estão familiarizados com todas as doenças dos intestinos” (PORTER, 1999, p. 49).

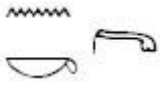
No que diz respeito à ginecologia e obstetrícia, estas são mais bem registradas no papiro *kahun*. No antigo Egito, havia generalistas e especialistas; os primeiros tinham um nível de escolaridade inferior ao do especialista. Eles trataram pacientes com doenças gerais, como dor de cabeça, resfriado, tosse, indigestão, diarreia, tenesmo, náusea e assim por diante. Internistas especializados em diferentes áreas, como gastroenterologia, cardiovascular, reumatologia, distúrbios do sono e psiquiatria. Outras especialidades independentes foram a oftalmologia; dermatologia; odontologia; urologia; especialistas em mama; ginecologia; obstetrícia; especialista em ouvido, nariz e garganta; pediatria; e geriatria (ELTORAI, 2020, p. 81).

O papiro Ebers 783-834 contém uma variedade de remédios para distúrbios femininos de natureza médica, em vez de cirúrgica. A verdadeira natureza do distúrbio geralmente está longe de ser clara. Por exemplo, o papiro Ebers 823 contém um remédio para contrair o útero, mas não está claro se o objetivo é acelerar o nascimento, expelir a placenta ou ajudar no retorno do útero ao tamanho normal após o parto. O papiro Ebers

(828–33) contém remédios para problemas relacionados aos períodos menstruais (NUNN, s/d, p. 128).

Os papiros Kahun, Berlin e Carlsberg contêm testes para determinar a fertilidade, a gravidez e até mesmo o sexo do feto. Em um desses testes, uma mistura de sementes emmer e cevada era umedecida diariamente com urina de uma mulher grávida. Se ambos crescessem, ela estava realmente grávida. Se ao menos a cevada crescesse, a criança seria do sexo masculino; se o emmer crescesse, a criança seria uma mulher; se nenhum dos dois crescesse, ela não estava grávida (NUNN, s/d). Isso foi posto à prova por P. Ghaliounghui, S. Khalil e A. R. Ammar (1963). Eles descobriram uma ou outra semente germinada em 28 casos de 40 mulheres grávidas, mas nenhum crescimento deixou de excluir a gravidez em 30% dos casos. A previsão do sexo da prole estava correta em sete casos, mas incorreta em dezesseis.

De acordo com Liliane Coelho (2011), os antigos egípcios sabiam que o início da vida estava diretamente relacionado à atividade sexual. Esta, no entanto, era algo que deveria se realizar apenas no âmbito privado. Atos sexuais não eram comumente representados na arte formal durante o Reino Médio, e mesmo na arte popular tais imagens surgiram apenas mais tarde, durante o Reino Novo.

Na escrita hieroglífica, o ato sexual em si é referido pelo verbo *nek* (em egípcio, ) , uma palavra que tem como sinal determinativo o falo ereto com líquido sendo emitido por ele. Na literatura, a expressão mais comum para descrevê-lo é “passar um dia feliz”⁵.

No entanto, Coelho (2011) assevera que as fontes revelam o desejo dos egípcios em ter muitos filhos, e por isso era importante preservar a saúde da mulher. De acordo com a autora,

a vontade de ter uma família grande não estava ligada simplesmente a razões emocionais, mas ao sistema social vigente, que colocava os filhos como suporte dos pais na velhice e como responsáveis pela manutenção de seu culto funerário. Cada nova concepção, no entanto, era motivo de preocupação para a mulher, pois o índice de mortalidade infantil e materna

⁵ Ver, por exemplo, o conto do *Papiro Westcar* intitulado “O marido enganado”, no qual a mulher do sacerdote Ubaoner se apaixona por um homem da cidade e faz com que ele venha até sua casa. Quando o homem chega, ela pede ao encarregado para que prepare o pavilhão que está no jardim para que ela possa passar nele um dia feliz (Coelho, 2011, p. 82).

durante o parto e nos dias posteriores a ele era grande. Impedir a concepção evitava não apenas essas preocupações, como também problemas posteriores, que poderiam ser de difícil solução e tratamento, como, por exemplo, um prolapso uterino (COELHO, 2011, p. 82-83).

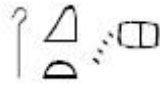
O papiro de Lahun faz parte de um grupo de cópias de trabalhos científicos, que foi localizado em uma das casas do assentamento urbano na segunda temporada de escavações no sítio. Consiste em um tratado médico em três páginas, contendo prescrições para o uso de médicos e parteiras, e mostra como eram as práticas médicas desenvolvidas na cidade (COELHO, 2011, p. 83).

O conteúdo das prescrições do *Papiro Médico de Kahun* é inteiramente relacionado à ginecologia, e por essa razão o documento é considerado o mais antigo tratado ginecológico descoberto até os nossos dias. Atualmente, é conservado no *Museu Petrie de Arqueologia Egípcia* e é identificado pelo número UC32057 (REEVES, 1992, p. 53); (COELHO, 2011, 83). O texto consiste em 34 instruções e prescrições ginecológicas, sem título ou introdução, das quais apenas uma corresponde a um encantamento (FILER, 1996, p. 38). Nas primeiras duas páginas, que ocupam 59 linhas no manuscrito original, há dezessete prescrições.

As substâncias prescritas nas receitas são cerveja, leite de vaca, óleo, tâmaras e outras frutas, ervas, incenso, e outras substâncias, como mel e fezes de animais. Geralmente as quantidades não são apresentadas, ficando a critério do médico. Quando são dadas, aparecem em relação a medidas e não a pesos. A mais freqüente é *henu* (em egípcio



), que equivale a cerca de 454 mL e é usada para os líquidos. Há também

uma medida para sólidos, *heqat* (em egípcio ) , que equivale a aproximadamente 74 cm³. Devido às medidas muito precisas e não inteiras, é possível que fossem utilizados recipientes apropriados para a medição das quantidades requeridas para as fórmulas (COELHO, 2011, p. 85).

Os sintomas que aparecem nas páginas I e II são os mais variados, como dor nos olhos e no pescoço, cheiros emitidos pela mulher, dores nas pernas e dores de dentes, mas o diagnóstico é geralmente ligado a doenças no útero. Por meio de uma análise mais apurada dos indícios, porém, é possível identificar os problemas apresentados pelas

pacientes e compará-los àqueles que são comuns a mulheres de todas as épocas (COELHO, 2011, 85).



Figura 1: Páginas I e II do Papiro Médico de Kahun (UC32057). Referência: GRIFFITH, Francis Llewellyn (ed.). *The Petrie Papyri: Hieratic papyri from Kahun and Gurob*. London: Bernard Quaritch, 1898. pl. V. (COELHO, 2011, p. 86).

A busca sistemática pelo conhecimento da anatomia humana, foi de fundamental importância no crescimento da compreensão da medicina. No entanto, os médicos antigos concentraram para nós a observação limitada que era possível em seu tempo. Na antiga Atenas, o corpo humano era tratado como sagrado, e o honravam, abstendo-se de dissecar cadáveres. Foi a dissecação de macacas que forneceu a Galeno o desenho da matriz feminina, no que ele se enganou (SARTON, 1954; ROUSSELLE, 1984). Apesar de suas inúmeras contribuições, a medicina hipocrática e mais tarde a galênica eram anatomicamente fracas (PORTER, 2008, p. 142). Não obstante, tudo o que pode ser observado a olho nu, ou em condições que não a dissecação, é registrada por médicos cujas obras circulavam em toda a bacia do Mediterrâneo. A fisiologia e o funcionamento interno do corpo, continuaram a ser um domínio onde reinava a lógica, ou mesmo a analogia como suporte da lógica, em detrimento da observação (ROUSSELLE, 1984).

Hipócrates se tornou a principal influência para terapeutas de todos os tipos. Homeopatas encontraram as raízes de suas doutrinas nos escritos hipocráticos. Naturopatas, quiropraxistas, herboristas e osteopatas o consideram o fundador dos ideais que sustentam

suas próprias formas de abordagem à saúde, à doença e à cura. Assim como o fazem os médicos modernos que trabalham em hospitais, muitos dos quais devem ter repetido seu Juramento, ou uma versão dele, quando se formaram em medicina.

As razões para essa curiosa ocorrência, na opinião de William Bynum (2011) podem ser encontradas na história. Em primeiro lugar, o Hipócrates histórico é suficientemente vago para permitir que seja interpretado de múltiplas formas. Ele é vago, mas real. Viveu na ilha de Kós, perto da costa da atual Turquia, aproximadamente de 460 a 370 A.E.C. Isso o torna um pouco mais velho que Platão, Aristóteles e os outros criadores cosmopolitas da cultura grega clássica, centrada em Atenas. Sua antiguidade faz com que a sobrevivência de tantas obras “hipocráticas” seja muito mais notável; “as pessoas guardam aquilo que valorizam” (BYNUM, 2011, p. 15).

Temos poucas informações, além do local e da época aproximada em que viveu. Ele praticava medicina, ensinava discípulos em troca de pagamento e tinha um filho. Também conquistou uma certa fama por ter sido citado por Platão. Se escreveu ou não alguns dos trabalhos atribuídos a ele, não está muito claro. Certamente não escreveu todos, pois foram compostos durante cerca de dois séculos, por diversas mãos desconhecidas. Isso significa que o *Corpus Hipocrático*, (cerca de sessenta trabalhos e fragmentos que sobreviveram), contém muita inconsistência e muitos pontos de vista. Esses escritos “hipocráticos” cobrem muitos aspectos da medicina e da cirurgia, assim como diagnósticos, terapias e prevenção de doenças. Os hipocráticos davam conselhos relacionados a dieta e outros aspectos da vida saudável.

De acordo com Bynum,

há um tratado muito influente sobre o papel do ambiente na saúde e na doença. Assim, havia muitas instâncias “hipocráticas”, e nossa “medicina hipocrática” é um constructo histórico, formado pela seleção de certos temas e teorias, colocados juntos em uma estrutura que era desconhecida nos séculos da composição dos tratados (BYNUM, 2011, p. 16).

Gradualmente, um corpo considerável de obras foi agrupado em torno dos nomes de Hipócrates e de Galeno. Contudo, se o *Corpo Hipocrático* agrupava obras diversas e de épocas variadas, que vão desde o século VI A.E.C. até o início da nossa era, a obra de Galeno é mais seguramente de sua autoria e pode ser datada da segunda metade do século II E.C. O *Corpo Hipocrático*, fundamento de todos os estudos médicos da Antiguidade, continuou lido

e utilizado até o final do século IV E.C. quando Oribase⁶, médico do imperador Juliano, compõe a pedido dele, sua *Coleção Médica*, coletânea de citações, organizada segundo um plano que lhe é próprio.

Na análise de Aline Rousselle (1984, p. 16), “os séculos III e IV - que assistem a uma vitória da castidade como ideal e ao início da aventura monástica da virgindade realizada - são enquadrados pelas obras de Galeno e de Oribase, ambos nascidos em Pérgamo”. Galeno morreu por volta de 200 da E.C, foi médico oficial da corte imperial em Roma de 169 a 192, sob o principado de Marco Aurélio e Cômodo. Sua imensa obra não nos chegou na íntegra, tendo em vista que grande parte pereceu em um incêndio em Roma. Além dos manuscritos que nos chegaram por intermédio dos médicos árabes, algumas passagens de Galeno foram copiadas por Oribase na segunda metade do século IV E.C.

No que diz respeito ao domínio sexual, os conselhos de ordem geral giram em torno de dois temas: não abusar do coito, e como se preparar para fazer um filho. Estas questões, não estão presentes no *Corpo Hipocrático*, que neste domínio, deixa inteiramente livre a expressão do desejo masculino e do desejo feminino, já estão presentes nas controvérsias referidas por Sorano⁷ e Galeno no século II da era Cristã. Portanto, “o jorrar da vida por toda a parte”, mesmo na doença, tão próximo no *Corpo Hipocrático*, cede lugar a uma medicina normativa, até mesmo mais normativa que preventiva: são regras de vida, revestidas com ameaças de deterioração física (ROUSSELLE, 1984, p. 20).

No que diz respeito à concepção, esta deveria acontecer após as regras da mulher, que cruzará as pernas para conservar esta semente preciosa e, segundo Sorano (*Ginecologia*, I, 36 e 46) passará alguns dias no leito para estar certa de conceber.

(...) já que se toma uma mulher geralmente tendo em vista os filhos e a sucessão, e não por puro prazer, e já que é inteiramente absurdo, enquanto nos informamos da excelência de sua linhagem e do montante de sua fortuna, omitir-se de se preocupar com sua capacidade de conceber, é justo que exponhamos essa questão (SORANO, *Ginecologia*, I, 34).

⁶ ORIBASE, *Collection Médicale*. 4 v. Paris, 1851.

⁷ Sorano (século I/II d.C.) foi um médico grego de Éfeso. Ele praticava medicina em Alexandria e subsequentemente em Roma, e foi um dos chefes representantes da Escola metódica de medicina. Vários de seus escritos ainda sobrevivem, mais notavelmente seu tratado de quatro volumes sobre ginecologia, e uma tradução latina de sua obra *Sobre Doenças Crônicas e Agudas*.

Já o *Corpo Hipocrático* faz eco às inquietações das mulheres estéreis. Um livro inteiro (Livro VIII) lhes é consagrado; e ao longo dos capítulos sobre as doenças das mulheres, aparecem as lamentações das que não concebem ou não conseguem levar a gravidez até o fim. Entre os séculos IV e V A.E.C, as mulheres haviam comparado entre si suas conformações externas e internas para buscar as causas das esterilidades femininas e dos abortos espontâneos. Tais relatórios revelavam uma verdadeira angústia de não conceber. Mas o que era observação para ajudar as mulheres, torna-se em Sorano uma determinação morfológica da mulher que deve ser evitada, ou melhor, invertendo os sinais, ele especifica a morfologia geral e genital da mulher fecunda, da futura mãe (ROUSSELLE, 1984, p. 34).

Tais descrições anatômicas se dirigem aos homens. A visita da parteira ao domicílio da noiva, a serviço do futuro esposo, também é tratado por Sorano. Rousselle (1984, p. 34) traz as observações de Sorano a respeito da questão:

A primeira observação dizia respeito ao aspecto geral da jovem, por vezes ainda impúbere. Sorano acreditava que as mulheres mais fecundas eram destituídas de excessiva languidez, mas não tão vigorosas ou masculinas. Interrogava-se sobre a tez da jovem: se ela enrubescesse bruscamente ou se tornasse sombria, isso significa que porta consigo um calor de desejo tão forte que destruirá o sêmen masculino. Todavia, a que não expressa nem alegrias nem tristeza tampouco serve. Depois desse exame geral, a parteira procede a um exame genital. Alguns médicos a aconselham a testar a jovem através de supositórios vaginais ou fumigações vaginais.

Segundo a pesquisadora, tudo leva a crer, conforme relato dos homens sobre o *Corpo Hipocrático*, que a boa comunicação interna entre as vias respiratórias e o útero era uma condição da fecundidade. Portanto, se o odor dos produtos introduzidos por via vaginal chegasse até a boca da mulher, considerava-se que ela oferecia condições bastante boas para conceber. Sorano desaconselhava esse exame e acreditava convenientemente limitar-se ao toque vaginal, através do qual a visita médica constata a retidão do útero e do colo. A vagina não deve ser muito seca nem muito úmida, o útero nem muito relaxado nem muito contraído. Pergunta-se também sobre a periodicidade e o aspecto das regras, se a jovem é púbere, sobre a digestão e sobre o humor habitual: uma mulher apaixonada é uma mulher cuja gravidez será frágil. O médico é, portanto, instrumento de apropriação do corpo feminino pelo homem. Ele serve, na interpretação de Aline Rousselle, ao controle do *dominus*, sobre os corpos que lhe são submetidos.

Lauren Caldwell (2016, p. 363) aponta que os médicos, com o objetivo de melhor diagnosticar e tratar as doenças femininas, reforçavam pressupostos estabelecidos socialmente sobre o comportamento socialmente estabelecidos para as mulheres. Estes valores sociais influenciavam diretamente na conduta das pacientes e dos próprios médicos. Seguindo os ensinamentos de Sorano, muitos médicos esperavam das pacientes do sexo feminino, por exemplo, um comportamento recatado que, por sua vez, levaria à falta de comunicação efetiva, ou mesmo silêncio, com o médico homem. A modéstia, a inexperiência e a ignorância das mulheres eram um impedimento para os resultados do diagnóstico ou do tratamento.

Segundo Molly Jones-Lewis (2016, p. 391), pouco se sabe sobre a prática médica antes da influência da medicina racional grega e o funcionamento do corpo humano. É possível identificar, pelas referências de alguns estudiosos antigos, que os romanos tratavam a saúde como uma obrigação a ser administrada pelo *pater familias*. Este era responsável por cuidar dos doentes da família, inclusive dos escravos e dos animais. Desta forma, sob o Império Romano, o financiamento das ordens superiores promoveu um crescimento de profissionais que se dedicavam aos cuidados das famílias aristocráticas. Como um exemplo desse patronato em relação aos médicos, Plínio, o Jovem, escreve ao Imperador Trajano para que conceda a cidadania aos parentes de Postumio Marino, seu médico, pelos serviços prestados em sua doença recente (Carta X.XI).

Caldwell (2019, p. 364) reforça que esta prática de patronagem em relação aos médicos que cuidavam das pacientes femininas pertencentes à família gerava um conflito de interesse já que os tratamentos e cuidados com as mulheres eram direcionados para as expectativas sociais em relação ao casamento. Estes cuidados eram iniciados ainda na puberdade, com a menarca, que coincidia com a idade de casamento, iniciação sexual e as preocupações com potenciais gestações. As práticas familiares demonstram que as mulheres deviam ser passivas aos interesses familiares, a quem o *pater familias* tinha a obrigação de assegurar sua saúde relacionada às suas capacidades reprodutivas.

Sorano (*Ginecologia*, I, 3) relata que muitas mulheres se dedicavam aos cuidados com a saúde de mulheres, principalmente relacionados aos partos. O médico romano apresenta, inclusive, um manual de como escolher uma boa parteira. Ressalta que as parteiras deveriam ser alfabetizadas, além de educadas nos aspectos teóricos e técnicos da

ginecologia. No entanto, alerta que alguns de seus colegas médicos eram muito tolerantes e treinavam pessoas inadequadas para o exercício da atividade de parteira. Um aspecto que Sorano aponta, discordando de seus colegas médicos contemporâneos, é sobre a parteira ter também parido e considera este requisito arbitrário e excludente (*Ginecologia*, I, 4).

Alguns cidadãos pertencentes às ordens senatoriais e equestres também deixaram alguns escritos sobre os conhecimentos a respeito de procedimentos médicos e substâncias derivadas de plantas ou animais que teriam propriedades medicamentosas. Algumas referências como Catão, o Velho, e Plínio, o Velho, nos proporcionam um rol muito bem descrito e elaborado sobre as características medicamentosas de muitas plantas conhecidas por eles. Nos dedicaremos aqui ao último, Plínio, o Velho, senador romano que morreu intoxicado pelos gases na erupção do Vesúvio em 79 E.C., conforme relato de seu sobrinho, Plínio, o Jovem (Cartas VI, 16; 20), para analisar os conhecimentos sobre concepção, gestação e parto.

Plínio, o Velho, alerta, no livro *Sobre o Homem*, que trará conhecimentos construídos por si mesmo, mas que também fará referências a outros.

Na maioria dos pontos, no entanto, desta natureza, não me contentarei em prometer apenas meu próprio crédito, mas o confirmarei de preferência referindo-me às minhas autoridades, que serão dadas em todos os assuntos de natureza a inspirar dúvidas. Meus leitores, no entanto, não devem fazer objeções em seguir os gregos, que se mostraram os observadores mais cuidadosos, bem como os mais antigos. (HN, 7,1)

Alguns temas, neste livro, são abordados por Plínio, o Velho, como o período da gravidez e sobre a fertilidade feminina. Assim, o naturalista descreve várias teorias sobre concepção, gestação e nascimento.

Sobre concepção, o estudioso faz algumas considerações e aborda temas como superfetação, ou seja, sobre a mulher poder ser fecundada durante a gravidez em tempos diversos. É interessante que nos comentários do naturalista, ele não deixa de relacionar este processo ao comportamento feminino. Logo de início aponta que a mulher continua tendo relações sexuais durante a gestação (*Praeter mulierem pauca animalia coitum novere grvida*), tratando o fato como uma excepcionalidade da natureza animal.

Poucos animais, exceto a mulher, recebem o macho durante a gestação. Em apenas uma ou duas espécies, e não mais, a superfetação ocorre. Casos podem ser encontrados em relatos médicos e de outros que deram atenção

especial ao assunto, nos quais doze embriões foram removidos em um único aborto. Quando, no entanto, apenas um tempo muito curto interveio entre duas concepções, os embriões de ambos avançam para a maturidade; como foi o caso de Hércules e seu irmão Íficles. (HN 7, 11)

O senador romano faz questão de continuar com os exemplos, demonstrando que estas excepcionalidades acontecem em mulheres que, de alguma forma, não se encaixariam no perfil de mulher ideal estabelecido para as pertencentes às ordens aristocráticas. Fica clara a relação da superfecundação com a diversidade de parceiros sexuais da gestante nos exemplos iniciais.

Este foi o caso também com a mulher que deu à luz dois filhos, **um dos quais se parecia com seu marido e o outro com seu amante**. Assim também, com uma escrava em Proconeso, que deu à luz dois filhos em um nascimento, **um dos quais tinha uma forte semelhança com seu mestre e o outro com o mordomo de seu mestre**, com os quais ela teve relação no mesmo dia; com outra mulher que deu à luz dois filhos no parto, um após o período normal de gestação, o outro um embrião de apenas cinco meses de idade; e novamente, com outra mulher, que, tendo dado à luz um filho no fim de sete meses, no devido tempo, dois meses depois, deu à luz gêmeos. (HN 7, 11) (grifo nosso)

Em relação às gestações gemelares, Plínio, o Velho, continua sua abordagem e indica exemplos interessantes que trazem influências externas ao fenômeno, além de aplicar leituras auspiciosas aos nascimentos. O Egito e a fecundidade do Nilo são relacionadas às ocorrências gemelares. Interessante se atentar para o caso dos quadrigêmeos de Fausta, em Óstia, que, diferente dos casos egípcios e grego, são vistos como uma premonição de crises de abastecimentos para os romanos.

Que às vezes três crianças são produzidas em um nascimento, é um fato bem conhecido; o caso, por exemplo, dos *Horatii* e dos *Curiatii*. Onde um número maior de filhos é produzido em um nascimento, é considerado portentoso, exceto, de fato, no Egito, **onde a água do rio Nilo, que é usada para beber, é um promotor de fecundidade**. Muito recentemente, no final do reinado do imperador Augusto, agora deificado, uma certa mulher de classes inferiores, em Óstia, cujo nome era Fausta, trouxe ao mundo, em um nascimento, dois filhos homens e duas mulheres, **um presságio, sem dúvida, da fome que ocorreu pouco depois**. Acharmos declarado, também, que no Peloponeso, uma mulher deu à luz cinco filhos ao nascer quatro vezes sucessivas, e que a maior parte de todas essas crianças sobreviveu. Trogo nos informa que, **no Egito, até sete crianças são ocasionalmente produzidas em um nascimento**. (HN, 7,3) (grifo nosso)

Ainda sobre as gestações gemelares, Plínio nos informa algumas características em relação à natureza biológica do sexo:

Quando as mulheres dão à luz gêmeos, raramente acontece que a própria mãe ou pelo menos um dos gêmeos morra. Se, no entanto, os gêmeos forem de sexos diferentes, é menos provável que ambos sobrevivam. As crianças do sexo feminino amadurecem mais rapidamente do que os meninos, e envelhecem mais cedo. Dos dois, sabe-se que as crianças do sexo masculino se movem com mais frequência no útero; eles se deitam principalmente no lado direito do corpo, as fêmeas no esquerdo. (HN, 7,3)

É notável a distinção feita em relação às diferenças sexuais, trazendo claramente mais fragilidades ao sexo feminino do que o sexo masculino, inclusive sobre as questões relacionadas à longevidade e destreza de cada um. Claramente, segundo o naturalista, há uma superioridade biológica do sexo masculino estabelecida pelas questões sociais e culturais.

Outra reflexão que o naturalista nos apresenta sobre a gestação é sobre a sua duração. É muito interessante como são estabelecidos os períodos de gestação⁸. Além do período de gestação, Plínio nos apresenta a sazonalidade da fecundação humana como um diferencial em relação aos outros animais (*homo toto anno et incerto gignitur spatio, alius septimo mense, alius octavo et usque ad initia undecimi*).

Em outros animais, o período de gestação e de nascimento é fixo e definido, enquanto **o homem, por outro lado, nasce em todas as estações do ano**, e sem um determinado período de gestação; pois uma criança nasce no sétimo mês, outra no oitavo, e assim por diante, até o início do décimo e décimo primeiro. (HN, 7,5)

Além da variação temporal sobre o período de gestação, o estudioso ressalta a sobrevivência da criança antes ou após o período considerado adequado para a gestação humana, além de abordar os riscos de mortalidade para as mulheres em determinados meses.

As crianças nascidas antes do sétimo mês nunca sobreviveram; a menos que, de fato, eles tenham sido concebidos no dia anterior ou no dia seguinte à lua cheia, ou na mudança da lua. No Egito, não é incomum que as crianças nasçam no oitavo mês; e também na Itália as crianças que nascem nesse período vivem tanto quanto as outras, apesar das opiniões dos antigos em contrário. Há grandes variações a esse respeito, que ocorrem de inúmeras maneiras. Quanto às crianças que nascem no oitavo mês, a maior dificuldade com elas é fazê-las passar dos primeiros quarenta dias. As mulheres grávidas, por outro lado, correm maior perigo durante o quarto e o oitavo mês, e os abortos durante esses períodos são fatais. (HN, 7,5)

⁸ Devemos lembrar que, em padrão, os meses romanos tinham durações de dias semelhantes aos contemporâneos após a mudança de calendário estabelecido por Júlio César em 46 A.E.C.

Outro tema de relevância que é abordado na *História Natural* é sobre as ocorrências dos partos. É possível identificar o parto “não-natural” na descrição de Plínio, o Velho. São quatro tipos de nascimentos descritos no livro *Sobre os Homens*: nascimentos maravilhosos, nascimentos contra a natureza, daqueles que foram cortados do útero e os partos que chama de Vopiscos.

Os nascimentos maravilhosos são cercados de presságios e auspícios. Além dos nascimentos de gêmeos que foram citados acima, Plínio também traz exemplos de hermafroditas, elefantes, serpentes, hipocentauros e outros seres “maravilhosos” (*mirabilis*):

Também nascem de ambos os sexos, a quem chamamos de hermafroditas, antes chamados de andróginos e vividos em prodígios, mas agora em delícias. (HN, 7,3)

Além disso, Alcippe deu à luz um elefante — mas isso deve ser considerado um prodígio; como no caso, também, onde, no início da guerra marsiana, uma escrava teria parido uma serpente. (HN, 7,3)

Entre esses nascimentos monstruosos, também, existem seres produzidos que unem em um corpo as formas de várias criaturas. Por exemplo, Cláudio César nos informa, em seus escritos, que um hipocentauro nasceu na Tessália, mas morreu no mesmo dia; e de fato eu mesmo vi um, que no reinado daquele imperador foi trazido a ele do Egito, preservado em mel. Temos também o caso de uma criança em Saguntum, que voltou imediatamente ao ventre de sua mãe, no mesmo ano em que aquele lugar foi destruído por Aníbal. (HN, 7,3)

O naturalista apresenta os nascimentos contrários à natureza (*contra naturam*) e os direciona à identificação literal de um nome de família, Agripa, estabelecendo elementos de presságios aos perfis das pessoas nascidas dessa forma.

É contrário à natureza que as crianças venham ao mundo com os pés primeiro, razão pela qual essas crianças são chamadas de *Agrippæ*, o que significa que nascem com dificuldade (*appellavere agrippas ut aeqri partus*). (HN, 7,8)

Plínio continua a descrever a característica de nascimento pelos pés e estabelece analogias com os nascimentos da família Agripa, linhagem familiar do Imperador Nero. Ressalta que apenas Marco Agripa, cunhado de Augusto e irmão de Lívia, teria nascido assim, mas que teria sido o único feliz exemplo na família (*unico prope felicitatis exemplo in omnibus ad hunc modum genitis*). Ao final, após fazer referência ao nascimento do próprio

Nero, que teria nascido pelos pés, e o seu caráter hostil ao gênero humano (*neronem quoque, paulo ante principem et toto principatu suo hostem generis humani, pedibus genitum scribit parens eius agrippina*), finaliza dizendo que é natural que os homens nasçam pela cabeça e não pelos pés (*ritus naturae hominem capite gigni, mos est pedibus efferi*). (HN, 7,8)

Por fim, trazemos a última referência aos partos que nos é apresentada por Plínio, o Velho. É o parto daqueles que foram retirados do ventre da mãe já morta. Segundo o naturalista, estes casos teriam sido os mais auspiciosos e os denomina de *Caesones*. Os exemplos trazidos são de Cipião, o Africano, Júlio César e Manílio, todos generais e homens de destaque político e social.

Essas crianças, cujo nascimento custou a vida da mãe, evidentemente nascem sob auspícios mais favoráveis; pois tal foi o caso do primeiro Cipião Africano; o primeiro dos césares também foi assim chamado, por ter sido removido por uma incisão no ventre de sua mãe. Por essa razão chamado de por esse nome, *Caesar*. Manílio, também, que entrou em Cartago com seu exército, nasceu de maneira semelhante. (HN 7,9)

A documentação de Plínio, o Velho, pode ser amplamente estudada e relacionada ao tema da saúde, dos conhecimentos médicos, dos conhecimentos terapêuticos e das relações sociais inerentes. Em seus 37 livros, em vários momentos, é possível analisar a abordagem do senador sobre o conhecimento a respeito do mundo natural que o cerca. Optamos aqui por direcionar a discussão para as questões mais pontuais relacionadas à saúde da mulher, principalmente no que tange aos conhecimentos interrelacionados de forma cultural e social no entorno do Mediterrâneo. Sabemos da natureza ensaísta deste artigo, mas o intuito é apontar caminhos possíveis para futuros estudos a respeito da temática e, principalmente, sobre a documentação aqui arrolada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYNUM, William. F. *História da Medicina*. Trad. Flávia Souto Maior. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

CARDWELL, Lauren. Gynecology. In: IRBY, Georgia L. *A Companion to Science, Technology, and Medicine in Ancient Greece and Rome*. Chichester, UK; Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2016. v. 1, p. 360-370.

COELHO, Liliene C. A saúde da mulher e a continuidade da família: concepção e contracepção no Papiro Médico de Kahun. *NEArco*. Revista Eletrônica de Antiguidade. Rio de Janeiro, UERJ, 2011, v. IV, n. II, p. 81-98.

DAVID, A. Rosalie. Medical science and Egyptology. In: WILKINSON, Richard H. (ed) *Egyptology today*. New York: Cambridge University Press, 2008.

ELTORAI, Ibraim M. *A Spotlight on the History of Ancient Egyptian Medicine*. London; New York: CRC Press, 2020.

GHALIOUNGUI, P., KHALIL, S. & AMMAR, A. On an ancient Egyptian method of diagnosing pregnancy and determining foetal Ssx. *Medical History*, 7(3), 1963, p: 241-246.

HIPÓCRATES DE COS, *Tratados Hipocráticos VIII*. Biblioteca Clásica Gredos, 2020.

JONES-LEWIS, Molly. Physicians and "Schools". In: IRBY, Georgia L. *A Companion to Science, Technology, and Medicine in Ancient Greece and Rome*. Chichester, UK; Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2016. v. 1., p. 386-401.

NUNN, John. Egyptian Medicine Gynecology and Obstetrics. In: JONES, Alexander; TAUB, Liba. *The Cambridge History of Science*, v. 1: Ancient Science.

ORIBASE, *Collection Médicale*. 4 v. Paris, 1851.

PLINY, THE ELDER. *Historia Naturalis*. Edição Karl Friedrich Theodor Mayhoff. Disponível em: Perseus Digital Library <http://catalog.perseus.org/catalog/urn:cts:latinLit:phi0978.phi001>. Acesso em: 15 fev. 2023.

PLINY, THE YOUNGER. *Letters*. Disponível em: Perseus Digital Library <http://catalog.perseus.org/catalog/urn:cts:latinLit:phi1318.phi001>. Acesso em: 15 fev. 2023.

PORTER, Roy. *The Greatest Benefit to Mankind: A medical History of Humanity from Antiquity to the presente*. London: Fontana Press, 1999.

PORTER, Roy. *História da Medicina*. Cambridge, 2008.

ROUSSELLE, Aline. *Pornéia: Sexualidade e amor no mundo antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SARTON, George. *Galen of Pergamon*. Lawrence. University of Kansas Press, 1954.

SORANUS. *Gynecology*. Ed. Owsei Temkin, Nicholson J. Eastman, Ludwig Edelstein, Alan F. Guttmacher. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1956.

STEINERT, Ulrike. Concepts of the Female Body in Mesopotamian Gynecological Texts. In: WEE, John Z. *The Comparable Body Analogy and Metaphor in Ancient Mesopotamian, Egyptian, and Greco-Roman Medicine*. Leiden/Boston: Brill, 2017, p: 275 - 357.

WEE, John Z. *The Comparable Body Analogy and Metaphor in Ancient Mesopotamian, Egyptian, and Greco-Roman Medicine*. Leiden/Boston: Brill, 2017.